

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

MARIANA KIND MELO

VIRGÍNIA BICUDO NA PSICANÁLISE BRASILEIRA: FAMÍLIA E HIGIENISMO NA  
COLUNA “NOSSO MUNDO MENTAL”

OURO PRETO

2025

MARIANA KIND MELO

**VIRGÍNIA BICUDO NA PSICANÁLISE BRASILEIRA: família e higienismo na coluna  
“Nosso Mundo Mental” (1954)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Colegiado de Licenciatura em História da Universidade  
Federal de Ouro Preto (UFOP) como requisito parcial  
para a obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Luisa Rauter Pereira

Orientanda: Mariana Kind Melo

OURO PRETO

2025

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M528v Melo, Mariana Kind.

Virgínia Bicudo na psicanálise brasileira [manuscrito]: família e higienismo na coluna "Nosso Mundo Mental" (1954). / Mariana Kind Melo. - 2025.

35 f.: . + Apêndice.

Orientadora: Profa. Dra. Luisa Rauter Pereira.

Monografia (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Graduação em História .

1. Bicudo, Virgínia Leone, 1910-2003. 2. Psicanálise e história. 3. Saúde mental. 4. Famílias. I. Pereira, Luisa Rauter. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 159.964.2(81)

Bibliotecário(a) Responsável: ELIANE APOLINARIO VIEIRA AVELAR - CRB6/3044



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Mariana Kind Melo**

### **Virgínia Bicudo na psicanálise brasileira: família e higienismo na coluna “Nosso Mundo Mental”**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História

Aprovada em 29 de agosto de 2025

#### Membros da banca

Doutor - Luísa Rauter Pereira - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor - Alfredo Nava Sánchez (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutora - Margareth Diniz - (Universidade Federal de Ouro Preto)

Luísa Rauter Pereira, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 12 de setembro de 2025



Documento assinado eletronicamente por **Luisa Rauter Pereira, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 12/09/2025, às 14:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0977365** e o código CRC **E2A7797A**.

## RESUMO

O presente trabalho se concentra nas contribuições de Virgínia Leone Bicudo para a trajetória da psicanálise brasileira. A pesquisa realizada está inserida nas áreas de História da Psicanálise e História das Ciências e utiliza de conhecimentos produzidos pelos estudos em História da Família. O principal objetivo é compreender de que maneira as colunas escritas por Bicudo, publicadas na Folha da Manhã em 1954, vão ao encontro das ideias higienistas e do conceito hegemônico de família vigente na década de 1950. As colunas tratam da educação infantil familiar, a partir dos conhecimentos produzidos pela psicanálise, para prevenção em higiene mental. Bicudo traça ao longo das colunas uma explicação do funcionamento do aparelho psíquico e do desenvolvimento infantil, misturando a situações fictícias como exemplo para facilitar o entendimento. O conteúdo e o discurso das colunas se inserem nos ideais higienistas, especialmente a respeito da prevenção de distúrbios psíquicos ao focar na infância, fase em que se formam as bases da personalidade e, portanto, é a ideal para atuar no bom desenvolvimento psíquico e físico do indivíduo. A respeito da família, Bicudo ressalta a união heterossexual e da divisão de trabalho em que a mulher é responsável pelo ambiente doméstico, mas se mostra favorável à presença da mulher no mercado de trabalho. Porém, a autora iguala a importância dos trabalhos masculino e feminino, pontuando que as atitudes de ambos os genitores impactam no desenvolvimento psíquico infantil, sendo importante a presença da afetividade nas práticas de educação. Bicudo também aponta que a criança nasce amoral e seus instintos e curiosidade não devem ser interpretados como malícia, especialmente a respeito da sexualidade. Como produto da pesquisa, ao final consta um texto de divulgação científica elaborado a partir dos conhecimentos presentes no trabalho, com o intuito de ser possivelmente publicado, para ampliar o alcance dos conhecimentos acerca da história da psicanálise no Brasil e ressaltar as contribuições de Bicudo para a consolidação deste campo de conhecimento no país.

Palavras-chave: Virgínia Bicudo, história da psicanálise, higienismo, família brasileira.

## ABSTRACT

This work focuses on the contributions of Virgínia Leone Bicudo to the trajectory of Brazilian psychoanalysis. The research is situated in the areas of History of Psychoanalysis and History of Sciences, utilizing knowledge produced by studies in Family History. The main objective is to understand how the columns written by Bicudo, published in *Folha da Manhã* in 1954, meet the hygienist ideas and the hegemonic concept of family prevailing in the 1950s. The columns deal with family child education, based on the knowledge produced by psychoanalysis, to promote mental hygiene. Bicudo traces along the columns an explanation of the functioning of the psychic apparatus and child development, mixed with fictitious situations as an example to facilitate understanding. The content and discourse of the columns are part of the hygienist ideals, especially about the prevention of psychic disorders by focusing on childhood, a phase in which the bases of personality are formed, and therefore is ideal for acting on the good psychological and physical development of the individual. Regarding the family, Bicudo emphasizes the heterosexual union and the division of labor in which the woman is responsible for the domestic environment, but shows itself favorable to the presence of women in the labor market. However, the author equates the importance of male and female work, pointing out that the attitudes of both parents impact the child's psychological development, making the presence of affection in educational practices. Bicudo also points out that the child is born amoral and his instincts and curiosity should not be interpreted as malice, especially regarding sexuality. As a product of the research, at the end, there is a scientific dissemination text elaborated from the knowledge present in the work, to be possibly published, to broaden the scope of knowledge about the history of psychoanalysis in Brazil and highlight the contributions of Bicudo for the consolidation of this field of knowledge in the country.

Keywords: Virgínia Bicudo, history of psychoanalysis, hygienism, brazilian family.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2 A PSICANÁLISE EM TERRAS BRASILEIRAS</b> .....	8
<b>2.1 Dos primeiros passos à institucionalização</b> .....	8
<b>3 VIRGÍNIA BICUDO: EM BUSCA DE “DEFESAS PARA O ÍNTIMO”</b> .....	12
<b>4 O IDEAL DE FAMÍLIA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1950</b> .....	19
<b>5 VIRGÍNIA BICUDO EM “NOSSO MUNDO MENTAL”</b> .....	20
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	29
<b>APÊNDICE - Texto de divulgação científica</b> .....	31

## 1 INTRODUÇÃO

A primeira vez que ouvi falar de Virgínia Bicudo (mulher negra e primeira psicanalista brasileira) foi em 2022, quando o Google fez uma homenagem ao seu 112º aniversário através de um *doodle* (ilustrações que substituem a logo do Google em ocasiões ou datas especiais) na página inicial de busca. Eu me interessei e li um pouco sobre ela em uma matéria da BBC<sup>1</sup>, mas não me aprofundei muito. Um tempo depois, quando precisava decidir um tema para o trabalho final da graduação, lembrei dela e resolvi pesquisar mais a fundo e entendi a sua importância para a psicanálise no Brasil.

Dessa forma, escolhi como tema a trajetória da psicanálise no Brasil a partir da contribuição, do trabalho e da importância de Virgínia Bicudo para a implementação, difusão e institucionalização deste campo de conhecimento e modalidade de terapia no país. Especialmente a respeito da difusão da psicanálise, este trabalho se concentra nas colunas semanais escritas por Bicudo para a Folha da Manhã (Folha de São Paulo) em 1954, intituladas “Nosso Mundo Mental”. A intenção dessas colunas era tratar sobre a educação infantil sob o viés psicanalítico para auxiliar as famílias a lidarem com acontecimentos, comportamentos e fases comuns ao desenvolvimento infantil e evitar possíveis traumas.

O objetivo é compreender se e como o conteúdo das colunas escritas por Bicudo vai ao encontro das ideias higienistas e do conceito de família vigente na década de 1950 no Brasil. Tudo isso considerando o lugar ocupado por Bicudo na comunidade psicanalítica brasileira, sendo mulher negra num campo predominantemente branco e psicanalista não-médica. Além disso, como um produto da pesquisa feita neste trabalho, foi feito um texto de divulgação científica a respeito do tema escolhido para ampliar o alcance dos conhecimentos acerca da história da psicanálise no Brasil e ressaltar o trabalho de uma mulher negra cuja importância para a psicanálise brasileira é fundamental.

Existem muitos trabalhos, artigos, teses etc. sobre algum aspecto da carreira e produção intelectual de Virgínia Bicudo, porém a maior parte pertence às áreas de Psicologia/Psicanálise e Ciências Sociais (áreas em que a própria Bicudo atuou). O interesse aqui é trazer uma perspectiva historiográfica para o estudo da história da psicanálise, evitando a ilusão biográfica descrita por Bourdieu (2006) para melhor compreender a carreira de Virgínia Bicudo sem descolar sua trajetória individual da temporalidade experimentada por ela.

---

<sup>1</sup>Virgínia Leone Bicudo: quem foi a psicanalista negra pioneira homenageada pelo Google.  
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63704390>.

A pesquisa feita aqui está inserida nas áreas de História da Psicanálise e História das Ciências, além de utilizar conhecimentos construídos no campo da História da Família para realizar seus objetivos. A construção do texto de divulgação científica foi feita a partir da perspectiva da História Pública, na mediação que os historiadores fazem entre o passado e seus públicos (LINDINGTON, 2011).

## **2 A PSICANÁLISE EM TERRAS BRASILEIRAS**

A maioria dos textos produzidos até a década de 1990 a respeito da história da psicanálise no Brasil foram feitos pelos próprios profissionais da área e segundo Oliveira (2002) o conteúdo desses estudos estava ligado a uma história oficial do movimento psicanalítico do país, de forma que heróis e mitos do movimento foram forjados, além da falta de utilização de fontes primárias e secundárias e testemunhos nas pesquisas. Isso fez com que houvesse muitos silêncios em relação a certos aspectos da trajetória da psicanálise brasileira e de seus personagens.

Além disso, Oliveira (2002) e Castro (2018) demonstram como durante boa parte do século XX os escritos sobre a história da psicanálise no Brasil se caracterizaram por uma aderência à história oficial da trajetória desse campo de conhecimento, em que os autores ressaltavam a si mesmos, reforçando sua ligação com quem citavam ao se colocarem numa posição de maior compreensão das teorias de Freud. Outra característica desses trabalhos eram as omissões, como em relação ao caso de um psicanalista, Amílcar Lobo, que havia trabalhado no Doi-Codi do Rio de Janeiro em conjunto com torturadores durante a ditadura militar.

Somente a partir da década de 1990 é que as pesquisas foram se distanciando dessa perspectiva. Dessa forma, este trabalho se insere nessa mudança de perspectiva construída a partir do uso de diferentes tipos de fontes e de um olhar historiográfico para o campo da psicanálise.

### **2.1 Dos primeiros passos à institucionalização**

A psicanálise chegou ao Brasil no início do século XX, período marcado por debates sobre modernidade e identidade nacional, iniciados no século XIX, além de movimentos eugenistas e campanhas sanitárias. Tudo isso no contexto do pós-abolição, com uma grande quantidade de pessoas negras marginalizadas na sociedade, ao mesmo tempo em que o governo brasileiro estimulava a vinda de imigrantes europeus para incorporar à força de trabalho do país. As ideias eugenistas, de “aprimoramento da raça”, que vigoravam na época, viam nas pessoas não brancas e pobres um entrave para o progresso do país.

Com as campanhas sanitárias, a medicina estava com uma posição de autoridade no Estado, o que permitia que o higienismo fizesse parte das medidas governamentais. Com isso, o significado de higiene ultrapassa a simples limpeza corporal e adquire uma dimensão ética, com uma função purificadora do corpo e do caráter. A limpeza se torna algo social e racial, interferindo nos corpos e espaços públicos, especialmente dos cidadãos pobres e negros, cujos comportamentos, costumes e moradias foram associados com a insalubridade e a disseminação de doenças (ALMEIDA, 2017).

Isso se estende para os problemas de saúde mental e, a partir disso, a psiquiatria ganha espaço como um saber que poderia atuar nesses problemas, numa abordagem preventiva da loucura, por meio da educação, inclusive de indivíduos saudáveis. Apesar de no início ter sido absorvida apenas parcialmente pelo meio médico, sem atingir de fato conhecimento psiquiátrico da época, as ideias de Freud foram usadas para ajudar no controle social, correspondente à visão dos sanitaristas (FACCHINETTI e PONTE, 2003).

Segundo Oliveira (2002), a trajetória da psicanálise no Brasil está dividida em etapas: de 1915 a 1937 houve a recepção e a difusão da teoria; de 1938 a 1950 houve a formação das primeiras gerações de psicanalistas; de 1951 a 1969 houve a institucionalização do movimento nos moldes da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), principalmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre; e finalmente, a partir da década de 1970 a psicanálise foi se expandindo para outras regiões do país.

No caso do Rio de Janeiro, a psicanálise se desenvolveu dentro do campo psiquiátrico, com esforços iniciais de Juliano Moreira, um médico negro, diretor do Hospital Psiquiátrico da cidade. Outros psiquiatras, como Porto-Carrero e Henrique Roxo, também contribuíram para a difusão da teoria psicanalítica no campo da medicina carioca. Nas décadas de 1940 e 1950 foram criados três grupos, na tentativa de se enquadrarem nos moldes da IPA: o Centro de Estudos Juliano Moreira, o Instituto Brasileiro de Psicanálise e o Centro de Estudos Psicanalíticos. Estes disputavam entre si o comando do movimento psicanalítico local (FACCHINETTI e PONTE, 2003).

Em Porto Alegre, nas décadas de 1920 e 1930, a chegada da teoria psicanalítica ocorreu simultaneamente dentro da medicina e da literatura, através de nomes como o médico Martim Gomes e, o médico e literário, Dyonélio Machado que incluía a psicanálise na construção dos personagens ficcionais de seus livros. A proximidade geográfica com a Argentina teve grande influência na psicanálise gaúcha desde as primeiras gerações de psicanalistas da região, já que alguns profissionais haviam se formado em Buenos Aires e, a partir dessa formação, realizaram

análises-didáticas em Porto Alegre formando novos psicanalistas (GAGEIRO E TOROSSIAN, 2014).

O caso paulistano é o que mais interessa a este trabalho, já que Virgínia Bicudo é uma das protagonistas dele. Apesar de ter chegado através da medicina, a psicanálise na cidade de São Paulo desenvolveu-se de maneira diferente e paralela à psiquiatria, sem necessariamente estarem opostas (OLIVEIRA, 2014). O começo da veiculação das ideias freudianas em São Paulo se dá através dos esforços de Franco da Rocha, psiquiatra diretor do Hospital do Juqueri, no final da década de 1910, através de uma conferência e da publicação de um livro em 1920. Porém a psicanálise foi fortemente rejeitada pela medicina paulistana, possivelmente devido à fragilidade da psiquiatria em São Paulo, já que o único hospital psiquiátrico na época era o Juqueri e o ensino de psiquiatria na Faculdade de Medicina local havia começado apenas em 1919 (OLIVEIRA, 2014).

Ao se aposentar em 1923, Franco da Rocha passou a direção do hospital para um de seus alunos, Antônio Carlos Pacheco e Silva, um médico avesso à psicanálise e que fez vigorar no hospital outros tipos de tratamentos. Mas em relação a outro aluno, Durval Marcondes, Franco da Rocha o estimulou a seguir nos estudos da psicanálise e dessa maneira Marcondes se esforçou para difundir a teoria entre seus colegas, mas sem obter sucesso. Então, ele foi trabalhar no setor de Saúde Pública da cidade de São Paulo. E ao mesmo tempo, ao longo da década de 1920 Durval Marcondes se aproximou dos modernistas para tentar fundar um grupo voltado aos estudos e à difusão da psicanálise no Brasil, mas ainda sem oferecer a formação profissional (FACCHINETTI e PONTE, 2003).

Apesar de ter sido utilizada pelos modernistas (como Mário de Andrade e Oswald de Andrade) na construção de suas obras, Durval Marcondes percebeu que não havia um interesse por parte deles em se tornarem psicanalistas, o que prejudicava sua intenção em formar um grupo robusto da área para atuar no Brasil. Marcondes também se aproximou de educadores para difundir a tese da sexualidade infantil de Freud, com a intenção de incorporá-la às práticas educativas e formar uma juventude sã. Ele obteve sucesso e apoio inicialmente, mas ao final da década de 1920 e com o início dos anos 1930, o aumento do conservadorismo das elites e o novo governo autoritário provocaram uma mudança de estratégia no discurso psicanalista brasileiro, deslocando a temática da sexualidade infantil para dar enfoque aos “desvios comportamentais” e a “criança problema” (FACCHINETTI e PONTE, 2003; OLIVEIRA, 2014).

Como diretor do Serviço de Higiene Mental Escolar, Marcondes contribuiu para a veiculação da psicanálise na formação das educadoras sanitárias, professoras responsáveis por

atuação preventiva em saúde, ensinando conhecimentos acerca da higiene em escolas e centros de saúde (MAIO, 2010). A atuação dessas profissionais era feita com foco na “criança problema” e a partir da investigação de seu histórico familiar e das práticas e modo de vida das famílias (OLIVEIRA, 2014). Foi nesse contexto que Virgínia Bicudo conheceu Marcondes e começou sua jornada na psicanálise.

Ao longo da década de 1930, Marcondes tentou com o auxílio da IPA trazer para o Brasil psicanalistas estrangeiros habilitados a formar novos profissionais. Mas só conseguiu realizar isso em 1937, com o auxílio de Ernest Jones que presidia a IPA, quando uma analista alemã e judia, Adelheid Koch, chegou ao Brasil fugindo do nazismo. Com sua presença seria possível começar o trabalho das análises didáticas, em que os alunos aprenderiam a atuar como analistas para além do conhecimento da teoria. Dessa maneira, foram em busca de pessoas interessadas em se formar em psicanálise, para construir um grupo, que foi composto principalmente de pessoas que não possuíam formação em medicina.

Inicialmente intitulado de Grupo de Psicanálise de São Paulo, foi composto por nomes como Frank Phillips, Virgínia Bicudo, Durval Marcondes, Adelheid Koch, Lygia Alcântara Amaral, Nabantino Ramos, dentre outros. O único que não prosseguiu como analista foi Ramos, que posteriormente em 1943 se tornou diretor da Folha da Manhã e foi responsável por contribuir para a difusão da psicanálise na imprensa. Foi com sua ajuda que Virgínia Bicudo realizou um programa de rádio e uma série de colunas de jornal durante a década de 1950 (OLIVEIRA, 2014).

A partir de trocas de correspondências com a IPA e modificações na estrutura no grupo para seguir as regras da instituição internacional ao longo da década de 1940, o Grupo de Psicanálise de São Paulo conseguiu em 1951 o reconhecimento da IPA como sociedade de psicanálise, passando a se intitular como Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) (ABRÃO, 2014). A partir disso, foram aos poucos expandindo suas atividades, enfrentando críticas na década de 1950 por parte da medicina em relação à atuação e formação de psicanalistas não-médicos (OLIVEIRA, 2014).

Nas décadas seguintes (especialmente a partir de 1970) houve a incorporação de outras escolas de pensamento da psicanálise, como as ideias de Lacan e Klein, esta última favorecida pela experiência de Virgínia Bicudo nos centros de formação e estudo que frequentou no período em que passou em Londres. Além disso, muitos dos primeiros analistas formados pela SBPSP em conjunto com outros, como Darcy Uchôa e Margareth Gill, se tornaram no início da década de 1960 analistas didatas, possibilitando uma expansão do ensino. Dessa forma, liderados por Virgínia Bicudo, a SBPSP criou um Comitê e um Instituto de ensino para cuidar

da formação de novos profissionais. A partir do Instituto, Bicudo criou o Jornal de Psicanálise e a Revista Brasileira de Psicanálise, com o intuito de divulgar os estudos em psicanálise e a atuação da Sociedade (OLIVEIRA, 2014). Dessa maneira, a institucionalização da psicanálise foi concretizada.

### **3 VIRGÍNIA BICUDO: EM BUSCA DE “DEFESAS PARA O ÍNTIMO”**

Nascida no dia 21 de novembro de 1910, na cidade de São Paulo, Virgínia Leone Bicudo foi “psicanalista, educadora sanitária, socióloga, [...] professora universitária, divulgadora científica e protagonista [...] da institucionalização, divulgação e interiorização da psicanálise no Brasil” (FRAUSINO, 2020. p. 181). De família interracial, seu nome carregava em si o encontro de três lugares sociais distintos que conviveram num mesmo espaço: o ex-escravizado, o imigrante e o ‘senhor de terras’ (FRAUSINO, 2020; GOMES, 2013).

Seu nome, Virgínia, vinha de sua avó paterna, mulher negra e ex-escravizada, que desapareceu quando o filho ainda era criança (GOMES, 2013). Chamado Theofilo Júlio Bicudo, o pai de Virgínia Bicudo, havia sido criado como “empregado de dentro” por seu padrinho, o coronel Bento Bicudo, na casa da família na Fazenda Matto de Dentro do Jaguari em Campinas, que produzia café (ABRÃO, 2020). Além do plantio do café, Bento Bicudo foi um dos fundadores do jornal, atualmente denominado *Estado de São Paulo*. O coronel contribuiu para a educação escolar de Theofilo, que era muito aplicado e desejava ser médico. Apesar de ter conseguido se classificar para a Faculdade de Medicina de São Paulo, sua entrada foi negada por ser negro (GOMES, 2013).

A mãe de Virgínia Bicudo, Giovanna Leone, era uma imigrante italiana que chegou ao final do século XIX com a família, ainda jovem, no Brasil para trabalhar na fazenda de Bento Bicudo. Ela era ama da filha dos fazendeiros. Foi nesse contexto que conheceu Theofilo e posteriormente se casou com ele em 1905. Após o casamento, eles se mudaram para a cidade de São Paulo, na Vila Economizadora, no bairro da Luz, onde tiveram seus seis filhos, sendo Virgínia a segunda. Theofilo trabalhava como funcionário público nos Correios e Telégrafos, onde fez carreira e chegou a altos cargos na instituição, além disso também trabalhou como professor particular para vestibulandos. O estímulo que Theofilo dava aos filhos em relação aos estudos floresceu especialmente em Virgínia, o que possibilitou sua ascensão social (MAIO, 2010).

A experiência de vida de Virgínia foi marcada pelo racismo, desde a infância nas escolas em que estudou, de maneira que os estudos e as boas notas que ela obtinha foram usados por ela a nível de proteção em relação à estigmatização que sofria (MAUTNER e MEYER,

1983 *apud* TEPERMAN e KONPF, 2011). Isso provocou nela uma vontade de entender esses fenômenos sociais e culturais relacionados ao preconceito que sofreu, influenciando em suas escolhas profissionais e acadêmicas, especialmente pela sociologia e psicanálise. Em entrevista a Anna Veronica Mautner, para a Folha de São Paulo, Virgínia disse: “Não foi por acaso que procurei psicanálise e sociologia. Vejam bem o que fiz: eu fui buscar defesas científicas para o íntimo, o psíquico, para conciliar a pessoa de dentro com a de fora” (2000), ao falar sobre suas escolhas profissionais.

Antes de começar seu caminho na sociologia, ela se formou em 1930 em Magistério Público na Escola Normal Caetano de Campos, e começou a trabalhar como professora substituta nos Grupos Escolares Carandiru e Consolação. Em 1931 se matriculou no Curso de Educadores Sanitários da Escola de Higiene e Saúde Pública do Estado de São Paulo, num período em que a crescente urbanização, a industrialização, as mudanças no sistema escolar e as políticas educacionais da década anterior favoreceram a entrada das mulheres em campos de trabalho como o da Educação (MAIO, 2010).

Em 1932, Virgínia foi comissionada como educadora sanitária para a Seção de Higiene Mental Escolar, pertencente ao Serviço de Saúde Escolar do Departamento de Educação da Prefeitura de São Paulo. Foi nesse período em que conheceu Durval Marcondes a quem mais tarde procuraria para iniciar os estudos em psicanálise (ABRÃO, 2014). Como educadora sanitária, seu trabalho era ir às escolas organizar os alunos para tomar vacinas, checar quais alunos precisavam de óculos, encaminhar os que precisavam de atendimento médico (incluindo os alunos com deficiência), além de orientar os pais a respeito da higiene das crianças (MAIO, 2010).

A segunda metade da década de 1930 marcou o início de um período de intenso estudo, trabalho e interdisciplinaridade na vida de Virgínia. Ainda trabalhando na rede pública como educadora sanitária, decide começar em 1936 o bacharelado em Ciências Sociais na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo (ELSP)<sup>2</sup>. Em entrevista a Marcos Maio (2010), Virgínia explica que optou pela ELSP e não pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, porque esta última era de “grã-finos” e os estudantes seriam “filhos de papai”. Já a ELSP era de “gente operária”, formando então um “operariado da ciência” e, segundo ela mesma, Virgínia “sabia escolher”. Ela enxergava que na ELSP, havia apoio para os estudantes

---

<sup>2</sup> A Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo foi criada por um conjunto de empresários e intelectuais com objetivo de desenvolver uma sociologia com caráter aplicado, em especial na indústria. A instituição tomava como modelo principal a Escola Sociológica da Universidade Chicago, na abordagem interdisciplinar e nos temas dos estudos feitos pela universidade (MAIO, 2010).

melhorarem de vida, enquanto na USP seria necessário ter “respaldo social” ao entrar. Isso demonstra um olhar bastante atento que Virgínia tinha a respeito das estruturas sociais em que vivia.

Foi no curso de Ciências Sociais que Virgínia ouviu falar sobre psicanálise numa aula de Psicologia Social e a partir de seu interesse pelo campo foi orientada a procurar Durval Marcondes. Em 1937 ela inicia seus estudos e análise didática com Adelheid Koch, participando da fundação do Grupo de Psicanálise de São Paulo, tornando-se a primeira psicanalista brasileira, sendo uma mulher negra num campo predominantemente branco e sem formação em medicina. Seus estudos em psicanálise foram custeados com o próprio salário de educadora sanitária e pouco tempo depois do início de seus estudos, Virgínia começou a conciliar seu trabalho na Seção de Higiene Mental com os atendimentos de pacientes (ABRÃO,2014).

Em 1938, Virgínia concluiu o bacharelado na ELSP, sendo a única mulher da turma. No mesmo ano é nomeada visitadora psiquiátrica na Clínica de Orientação Infantil, criada e coordenada por Durval Marcondes naquele ano. A função da instituição era prevenir e atuar no tratamento de problemas psíquicos de crianças das escolas da capital paulista (MAIO, 2010). Bicudo atuava no atendimento das crianças, em seu diagnóstico e na orientação dos pais e professores, com base nos preceitos da higiene mental, da psicanálise e da Escola Nova (ABRÃO, 2014). Segundo Abrão (2020), a atuação de Virgínia no campo da higiene mental na educação, em conjunto com seu trabalho de difusão da psicanálise, faz parte de seu esforço em tentar diminuir as desigualdades sociais existentes naquele contexto.

Já formada em sociologia e bem inserida no contexto psicanalítico de São Paulo, em 1940 Bicudo é contratada como professora na ELSP e passa a dar aulas de Higiene Mental e Psicanálise junto com Marcondes. Em seu documento de admissão, ela foi identificada como branca, o que é um exemplo do funcionamento da ideologia do branqueamento no Brasil, em que uma pessoa negra teria suas características físicas suavizadas devido a sua profissão ou escolarização (NOGUEIRA, 1955 *apud* MAIO, 2010).

Nesse período, Virgínia realizou seu mestrado em sociologia na ELSP, concluído em 1945, com sua dissertação intitulada “Estudos de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”. Foi orientada por Donald Pierson, que havia publicado em 1942 “*Negroes in Brazil*”, uma pesquisa dentro do campo de estudos das “atitudes sociais”, que analisava o contexto social da Bahia, o qual Pierson afirmou que o preconceito de classe prevalecia sobre o de cor. O trabalho de Virgínia sobre o contexto paulistano teve uma conclusão contrária ao de seu

orientador, além de ter representado um pioneirismo na área sendo a primeira dissertação sobre a questão racial defendida numa universidade brasileira (MAIO, 2010).

Bicudo utilizou como método para a pesquisa de sua dissertação entrevistas e estudos de caso, aproveitando inclusive seu trabalho como visitadora psiquiátrica para tal, já que a partir dele percebeu o impacto da estigmatização sobre as “crianças-problema” que orientava. Ela entrevistou pais de alunos que frequentavam a Clínica de Orientação Infantil e ex-militantes da Frente Negra Brasileira, organização que havia sido colocada na ilegalidade pelo Estado Novo. Virgínia caracterizou os grupos de entrevistados por cor e classe social, com as variáveis sendo a renda, a profissão e grau de instrução para a classe social e pretos e mulatos (com um pai preto ou pardo e o outro branco) para a categoria de cor (MAIO, 2010).

Como resultado das análises das entrevistas, Virgínia percebeu que entre os negros mais pobres havia uma rejeição e crítica maior em relação a outras pessoas negras do que em relação aos brancos, possivelmente por um sentimento de inferioridade que os brancos causavam nos negros, de forma que o conflito com os brancos era evitado ao máximo. Já entre os negros de classe média, por conviverem com maior frequência com brancos (seja em espaços sociais ou dentro da família), havia uma percepção maior do “preconceito de cor” sofrido, criando assim uma consciência de cor por parte dos negros de classe média. Bicudo também demonstrou como a ascensão financeira de pessoas negras não impedia que o “preconceito de cor” continuasse a acontecer, de forma que quanto maior a ascensão social dos negros, maior a consciência racial (MAIO, 2010).

Virgínia agregou em sua pesquisa sociológica aspectos da psicologia social e da psicanálise, a partir dos estudos de atitudes sociais, que analisaram as relações de valores sociais com atitudes individuais nas interações sociais. Além disso, a abordagem de seu trabalho e a sua conclusão anteciparam perspectivas de estudos sobre relações raciais da década de 1950 (MAIO, 2010).

Ainda conciliando seu trabalho de visitadora psiquiátrica, professora universitária e psicanalista atuante na clínica e no Grupo de Psicanálise de São Paulo, na primeira metade da década de 1950 Bicudo empreendeu um projeto de difusão e divulgação da psicanálise para o público geral. Em 1951, quando o Grupo de Psicanálise já havia sido reconhecido pela IPA e passado a ser uma Sociedade, Virgínia fez, com a ajuda de Nabantino Ramos, um programa na rádio Excelsior intitulado “Nosso Mundo Mental”. Através do formato de radionovelas, o programa apresentava situações cotidianas que poderiam contribuir para a educação infantil pelo viés psicanalítico, numa perspectiva de prevenção em higiene mental com a intenção de divulgação dos conhecimentos em psicanálise (ABRÃO, 2014). A repercussão do programa

foi abordada numa matéria da Folha da Manhã em 1951<sup>3</sup>, na qual Virgínia diz em entrevista que muitos elogios chegaram a ela sobre o programa. Porém críticas foram feitas dizendo que o programa seria voltado para uma elite, já que não seria de fácil compreensão para o público geral e que o programa apontava os erros das situações, mas não apresentava as soluções ou comportamentos adequados àquela situação. Nisso Bicudo enxergou a comprovação da existência de grande interesse do público sobre o tema abordado no programa.

Em continuidade a esse projeto, no segundo semestre de 1954 Virgínia Bicudo publicou uma série de colunas (com o mesmo nome do programa de rádio) no jornal Folha da Manhã, com o auxílio de Nabantino Ramos, que presidia o jornal na época. O tema geral era o mesmo do programa de rádio, porém com linguagem diferente da teatral, mais direta e explanatória. O conteúdo dessas colunas foi posteriormente publicado, em 1956, em formato de livro. De acordo com Abrão (2014), esse trabalho de divulgação da psicanálise executado por Virgínia guarda uma relação com as ideias higienistas, distanciando-se da eugenia, pois considerava os sintomas da criança para então propor um tratamento. Além disso, o projeto contribuiu para consolidar a inserção da psicanálise no campo da prevenção em saúde mental, colocando a atenção na infância para evitar transtornos mentais na vida adulta (ABRÃO, 2014).

No mesmo ano de publicação das colunas, ocorreu o I Congresso Latino-Americano de Saúde Mental ocorrido em São Paulo, do qual Virgínia e outros psicanalistas participaram, em meio a um contingente de médicos. Mesmo já bem consolidada em alguns lugares do Brasil e do mundo, a psicanálise ainda sofria duras críticas da medicina nesse período. Junto com Lygia Amaral e Judith Andreucci (ambas analistas não-médicas), Bicudo apresentou uma mesa redonda para mostrar os trabalhos que haviam sido realizados pela Seção de Higiene Mental Escolar da prefeitura. A partir dessa apresentação, uma parte do público de médicos que estava assistindo acusou as psicanalistas de charlatanismo por não serem formadas em medicina (ABRÃO, 2020). Esse episódio teve um impacto pessoal e emocional em Virgínia, diferentemente do que ocorreu com suas companheiras.

Teperman e Knopf (2011) descreveram essa diferença de impacto relacionando-a às peculiaridades das personalidades de cada uma das três analistas, dizendo que o impacto teria sido maior para Virgínia porque ela sentia uma necessidade maior de se impor e de ser respeitada, enquanto as outras duas teriam mais autoconfiança. Porém, essa diferença vai além da personalidade e se trata das vivências sociais anteriores de cada uma delas, já que Bicudo

---

<sup>3</sup> "É possível divulgar ciência pelo rádio", Folha da Manhã, 1951. Recorte de jornal digitalizado, disponível no Centro de Documentação e Memória, Fundo Virgínia Bicudo, na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, no site <https://www.sbbsp.org.br/documentacao/centro-de-documentacao/#centro-de-documentacao>

era negra e vinha de família pobre, enquanto as outras duas eram brancas. Lygia e Judith não precisaram enfrentar o racismo, pelo contrário, tinham privilégios por causa dele. A acusação de charlatanismo era mais um episódio na vida de Virgínia em que ela precisaria provar seu valor, suas capacidades, algo que já havia precisado fazer diversas vezes durante a vida. Essas acusações fizeram com que Bicudo saísse do Brasil e fosse para Londres se aprofundar ainda mais nos estudos em psicanálise, entre 1955 e 1959.

Ainda em 1955, foram publicadas as pesquisas do Projeto Unesco/Anhembi, coordenado por Florestan Fernandes e Roger Bastide, era formado por um conjunto de pesquisas a respeito das relações raciais no Brasil, especialmente nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e Pernambuco. Bicudo foi uma das pesquisadoras convidadas para participar e escreveu um trabalho chamado “Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação a cor de seus colegas”, fazendo parte do livro “Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo” (1955). A pesquisa de Virgínia analisou, através de questionários e entrevistas, “analisar as atitudes de rejeição/aceitação dos colegas brancos em relação aos estudantes negros e a influência das famílias para tanto” (SILVA, 2020), demonstrando a existência do racismo e da preferência em relação a cor desde a infância, além das atitudes de auto rejeição por parte das crianças negras. Porém, na segunda edição do livro em 1959, seu texto e os textos de Oracy Nogueira e Aniela Ginsberg foram retirados da publicação.

No período que passou em Londres, Bicudo estudou na Travistock Clinic, na Sociedade Britânica de Psicanálise e no Instituto de Psicanálise de Londres. Os anos de estudos foram em boa parte custeados pela própria Virgínia, que utilizou de suas economias e de seus vencimentos como visitadora psiquiátrica e professora da ELSP, a partir de licença que conseguiu dos dois cargos, renovando-a ano a ano. Depois de alguns anos ela finalmente consegue na Embaixada Brasileira, na época comandada por Assis Chateaubriand, um auxílio financeiro que teria que dividir com dois outros colegas brasileiros que estavam em Londres no momento. Virgínia aprofundou seus estudos em psicanálise, especialmente em psicanálise de crianças a partir de aulas e do convívio com Melanie Klein e Wilfred Bion, e do contato com outros psicanalistas como Anna Freud, Donald Winnicott, Paula Heimann, Ernest Jones etc. Em relação a Bion, Virgínia cria um vínculo de amizade com ele, o que contribui para sua vinda ao Brasil em diversos momentos para realizar conferências a respeito da psicanálise infantil em São Paulo e Brasília, onde Virgínia posteriormente contribuiria para a criação de uma sociedade de psicanálise na capital brasileira (ABRÃO, 2014; TEPERMAN e KNOPF, 2011).

Ao retornar ao Brasil em 1960, Bicudo emprega seu esforço na formação de novos profissionais, sendo bastante requisitada por psicanalistas em formação, visto que era pioneira na psicanálise de crianças no Brasil devido a sua formação em Londres, principalmente nas teorias kleinianas (ABRÃO, 2020). Além disso, nessa época Virgínia já era uma psicanalista de renome, dentro e fora de sua área, devido ao seu trabalho e aos esforços empreendidos na década anterior na divulgação da psicanálise na mídia. Sua posição na SBPSP ganha ainda mais destaque e na década de 1960 ela cria e lidera projetos na Sociedade. Entre 1963 e 1973, Bicudo foi diretora do Comitê de Ensino e do Instituto de Psicanálise da SBPSP, que visava concentrar a formação de profissionais em psicanálise, inspirando-se no Instituto de Londres e atuando nos moldes da IPA (ABRÃO, 2020).

Bicudo tinha uma perspectiva interdisciplinar sobre a formação em psicanálise que divergia da maioria de seus colegas. Ela acreditava, possivelmente devido a sua formação em sociologia, que o psicanalista deveria ter uma formação multidisciplinar e humanista, com interseções com a Antropologia, Filosofia, Arte, Neurofisiologia etc., para assim enxergar o sofrimento humano para além da ótica psicanalítica. Ela chegou a propor isso em reuniões da SBPSP, mas não conseguiu desenvolver essa perspectiva dentro da instituição (FRAUSINO, 2020).

Em 1966, Virgínia lidera a coordenação do recém criado Jornal de Psicanálise, também da SBPSP, que visava divulgar textos produzidos pelos alunos do Instituto. No ano seguinte, influenciou a criação e liderou a execução da Revista Brasileira de Psicanálise da SBPSP, que funcionava como um veículo de comunicação oficial da instituição, trazendo textos e artigos de seus integrantes. Nesse período, Bicudo contribuiu com editoras influenciando na tradução e publicação de textos kleinianos e bionianos, trazendo para o Brasil psicanalistas estrangeiros para realizar conferências em congressos (OLIVEIRA, 2014). Mais afastada do serviço público, Bicudo não deixou de se preocupar com o alcance social que desejava que a psicanálise tivesse, e assim criou no Instituto de Psicanálise o Serviço Clínico que selecionava pacientes com condições financeiras mais simples para usufruírem do tratamento analítico com os alunos do Instituto (ABRÃO, 2020)

A partir da década de 1970, Bicudo investe na difusão da psicanálise para outras partes do país, especialmente em Brasília, dividindo seu tempo e trabalho entre a capital brasileira e a capital paulista durante 20 anos. Contribuiu para a formação do Grupo de Psicanálise de Brasília, que se tornou uma sede da SBPSP, levando psicanalistas formados de outros estados para contribuírem na formação de novos profissionais na cidade. O grupo de Brasília consegue o reconhecimento da IPA em 1994, época em que Virgínia já havia retornado definitivamente

para São Paulo e se dedicava apenas aos trabalhos na SBPSP e a seus pacientes (ABRÃO, 2020).

No ano 2000, Bicudo deixa de atender pacientes devido a problemas de saúde e vem a falecer em 2003.

#### **4 O IDEAL DE FAMÍLIA BRASILEIRA NA DÉCADA DE 1950**

Os anos 1950 foram um período de transformações nos grandes centros como São Paulo, impulsionadas pelo avanço da industrialização e urbanização, em que valores conservadores e patriarcais conviviam com a modernidade (especialmente relacionada ao consumo). O que era visto como ideal de família ainda estava conectado com os valores patriarcais sobre os papéis e comportamentos relacionados ao gênero: das mulheres era esperado feminilidade, pureza e uma vida centrada no lar, enquanto os homens deveriam prover a casa, cuidar das finanças e tomar decisões sobre a família. Essas expectativas eram mais fortes nas classes mais abastadas, ao contrário das classes populares em que a maioria das mulheres trabalhava fora de casa, porém em profissões consideradas femininas, como professoras, enfermeiras, costureiras, faxineiras etc. (MARTINI, 2011).

A educação formal para as mulheres era vista como algo que representava a modernidade, mas que não eliminava suas obrigações em relação à família, que deveria vir em primeiro lugar e era esperado das moças solteiras que tivessem como objetivo principal o casamento e a formação de uma nova família. Enquanto os maridos deveriam sustentar financeiramente a família e eram os responsáveis pela gestão financeira da casa, inclusive do dinheiro que fosse da esposa, as mulheres ficavam com o cuidado da casa e das práticas de educação e cuidado dos filhos (MARTINI, 2011).

Nesse aspecto da criação dos filhos estava envolvido o espaço físico onde as crianças brincavam. Apesar de apresentar o começo da redução dos espaços de brincar, na década de 1950 esse espaço ainda era amplo, para além do ambiente doméstico, já que as crianças ainda conseguiam brincar nas ruas e praças públicas fazendo com que as brincadeiras fossem coletivas. Nesse mesmo período, as atividades sociais (lazer, religião etc.), que nas décadas anteriores eram feitas em conjunto com toda a família, começam a ser separadas em programas entre programas de adultos e de crianças. Dessa forma, antes da década de 1950 o convívio social entre diferentes gerações era predominante e a partir de então começa aos poucos a se transformar em um convívio de adultos com adultos, jovens com jovens e crianças com crianças nos espaços fora do convívio familiar. Além disso, a preocupação dos pais com a educação dos filhos ainda é calcada em uma direção moral, com o intuito de que a criança se

torne um adulto bem educado através do controle do comportamento. Porém, a partir da década de 1950, os pais acrescentam a isso a necessidade de que haja ternura, estímulo e lazer para que haja uma boa vida em família (BIASOLI-ALVES, 1997).

## **5 VIRGÍNIA BICUDO EM “NOSSO MUNDO MENTAL”**

Depois de obter sucesso com a iniciativa na Rádio Excelsior em 1951, três anos depois Virgínia dá continuidade ao projeto “Nosso Mundo Mental” através de colunas no jornal Folha da Manhã em 1954, com o intermédio de Nabantino Ramos. Diretor da Folha (ou das Folhas) na época, Nabantino havia sido colega de formação de Virgínia na SBPSP, o que facilitou a entrada da psicanálise no conteúdo do jornal. Sob sua liderança, colocou a empresa dentro de padrões modernos de jornalismo, o que incluía a presença de um caderno de Ciência e Arte no jornal; instituindo normas de trabalho na redação, que definia a base de como o jornal deveria se orientar de maneira política, ideológica e técnica; além de tentar encontrar um equilíbrio entre a liberdade de expressão e a racionalização da atividade jornalística. O trabalho de Ramos no jornal é para que a Folha passe a ter uma identidade própria, com um discurso de neutralidade política e de apoio às leis e à democracia. Com uma forte relação com a ideologia liberal da burguesia urbana, ao longo dos anos da administração de Nabantino, a Folha vai se alinhando cada vez mais com a orientação política das classes médias e se coloca como porta voz da opinião pública (MOTA e CAPELATO, 1981).

Nesse contexto, as colunas escritas por Bicudo começaram a ser publicadas no mês de julho de 1954, no caderno de Vida Social e Doméstica da Folha da Manhã aos domingos. No mês anterior foram feitos pequenos anúncios no jornal a respeito da coluna que seria publicada em julho, para chamar a atenção dos leitores. Em meio a colunas sociais sobre festas e eventos de pessoas conhecidas e anúncios de panelas, chuveiros elétricos, tapetes e lustres, estava a coluna *Nosso Mundo Mental*, que vinha acompanhada de uma pequena foto do rosto de Virgínia e de seu nome completo. A estrutura comum das colunas era de um texto explicativo em que Bicudo trazia os aspectos teóricos do tema tratado, numa linguagem acessível, seguido por ou intercalado com situações fictícias exemplificadas em diálogos para melhor entendimento da questão. O intuito das colunas era promover a compreensão das famílias a respeito do funcionamento e do desenvolvimento psíquico infantil, na tentativa de contribuir para a educação infantil familiar e para o crescimento de adultos saudáveis física e psiquicamente.

Na primeira coluna, do dia 4 de julho de 1954<sup>4</sup>, havia um aviso de que as colunas seriam os textos dos capítulos que constituiriam o livro *Nosso Mundo Mental*, que seria publicado posteriormente, e que os textos tratavam de “problemas de higiene mental” sob o viés da psicanálise. Para isso, Virgínia explica que utilizou de estudos produzidos pela ELSP e pela Seção de Higiene Mental da Diretoria do Serviço de Saúde Escolar de São Paulo.

Intitulada “Introdução”, a coluna começa com uma explicação de que as diferenças entre os seres humanos não vêm do aparelho psíquico, mas de aspectos como hereditariedade e o ambiente vivenciado por cada um. Dessa forma, Bicudo afirma que o meio tem influência sobre o ser humano, já que “a criança nasce com disposições inatas para determinados mecanismos psíquicos”, mas é o ambiente que vai influenciar na forma que a criança vai se comportar em relação a isso. Por mais que existam condições patológicas que provocam doenças psíquicas, o ambiente também pode promover o desenvolvimento de doenças psíquicas em um indivíduo com “condições psíquicas normais”<sup>5</sup>.

Logo de início, o trabalho de Virgínia no jornal conversa diretamente com as ideias higienistas. Ainda na coluna inicial, Bicudo explicita que o foco dos higienistas na infância se dá pela necessidade de garantir boas condições de nascimento e condições ambientais que favoreçam o desenvolvimento físico e mental da criança, já que ela nasce amoral e cheia de potencialidades, sendo função dos adultos dar a ela recursos afetivos, culturais e econômicos e protegê-la das doenças físicas e psíquicas. Bicudo acrescenta a isso o papel da sociedade como um todo em garantir uma vida digna para o ser humano e diz que a existência de crianças e adolescentes em situações precárias demonstra uma falha na sociedade brasileira. Dessa forma, um indivíduo saudável se torna um adulto que age de maneira construtiva para o grupo (a sociedade), porque sabe que a felicidade individual está relacionada à felicidade do grupo<sup>6</sup>.

Para finalizar, Virgínia explica que a intenção da escrita do livro (e consequentemente das colunas) é “contribuir para o melhor entendimento dos pais e educadores sobre as necessidades emocionais da criança, como ela adquire padrões de comportamento e como ela se desenvolve social e moralmente”<sup>7</sup>. A partir disso, os pais precisariam observar a criança e o próprio comportamento em relação a ela, além de prestarem atenção em como enxergam a si mesmos e como a própria infância impacta suas atitudes como adulto. Isso seria necessário

---

<sup>4</sup> BICUDO, Virgínia. Introdução. Coluna *Nosso Mundo Mental*. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 4 de julho de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29886&anchor=4604013&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=478653b0f68e39148d96dee03bf546e0>

<sup>5</sup> *Ibidem*, 1954.

<sup>6</sup> *Ibidem*, 1954.

<sup>7</sup> *Ibidem*, 1954.

para que os pais identificassem os problemas dos filhos e qual o seu papel na causa desse problema. Assim, Bicudo coloca ambos os pais como principais responsáveis pelo bem-estar psíquico das crianças.

Nas colunas seguintes Bicudo parte para uma explicação detalhada do funcionamento do aparelho psíquico e das fases do desenvolvimento infantil de acordo com a psicanálise. Bicudo explica que a função principal do aparelho psíquico é “dar unidade às ações do indivíduo”, ou seja, receber e processar estímulos e responder a eles de alguma maneira. A partir dos estudos sobre o inconsciente, a psicanálise demonstrou a existência de impulsos que podem ou não condizer com a moral vigente, se manifestando em alguns momentos através de sintomas. A criança nasce com alguns impulsos e a frustração traumática desses impulsos pelo ambiente é a principal causa de distúrbios psíquicos funcionais<sup>8</sup>.

Bicudo segue então para uma explicação sobre a divisão da mente entre Id (inconsciente; de onde vem os impulsos primários), o Ego (em parte consciente; regula a relação entre os impulsos e o ambiente, determinando a ação) e o Superego (inconsciente; internalização da influência dos pais e do meio; “é um censor que permite ou não que os impulsos passem pela decisão do Ego”). A partir disso, ela explica a dinâmica do conflito entre os impulsos e a moralidade, de forma que para se defender o indivíduo recalca os impulsos para o inconsciente, evitando lidar com o conflito. Porém, para alcançar uma resolução, é necessário trazer de volta o impulso para o consciente e fazer a escolha de ceder ao impulso ou se submeter à moral<sup>9</sup>.

Para facilitar o entendimento, Virgínia traz um exemplo de um homem adulto com comportamentos muito rígidos em relação à organização, ordem, autocrítica e que não permite a si mesmo e a sua família satisfações legítimas, como ir ao cinema, por pensar que é algo fútil. Esse personagem teria um Superego muito exigente devido a sua criação, já que os pais colocavam grandes exigências nele para que fosse extremamente organizado, dedicado aos estudos, a limpeza e deixando de lado espaço e tempo para diversão e brincadeiras. Virgínia aponta que à medida que uma criança cresce, fica mais perceptível a interiorização da moral dos pais, já que as regras dos pais se transformam em regras internas e a criança passa a se conduzir sozinha a partir do absorveu dos pais<sup>10</sup>. Dessa maneira, o comportamento de um

---

<sup>8</sup> BICUDO, Virgínia. Considerações sobre o aparelho psíquico, segundo a psicanálise. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 11 de julho de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29892&anchor=4604190&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=6cc193d9fd11e019cdeabf0d6f5a7793>

<sup>9</sup> Ibidem, 1954.

<sup>10</sup> Ibidem, 1954.

indivíduo é marcado por sua criação e relação com os pais, podendo causar desajustamentos e perturbações para a vida do próprio indivíduo. As atitudes e comportamentos da criança são “reativos ao ambiente em que ela se encontra”, sendo que uma “criança-problema muitas vezes é reflexo de pais e educadores-problema”<sup>11</sup>.

Outro exemplo que Virgínia traz é o de um homem cujo pai foi muito severo com ele na infância, ofendendo sua inteligência e capacidades, afetando a visão que ele tinha de si mesmo prejudicando sua produtividade e atuação profissional no emprego quando adulto. Bicudo diz que as experiências vividas pelo indivíduo na infância provocam marcas no inconsciente que são refletidas no consciente, causando pensamentos, sentimentos e comportamentos que o próprio indivíduo não compreende a causa. É por isso que é importante suprir as necessidades afetivas da criança, tomando cuidado para não ferir seu amor-próprio ou alimentar nela sentimentos de ódio, culpa e medo<sup>12</sup>. Essa perspectiva trazida por Virgínia vai ao encontro das mudanças incipientes relacionadas às práticas de cuidado nos anos 1950, em que os pais passaram a reconhecer a necessidade de ternura, estímulo e lazer na criação dos filhos, mas sem abrir mão do controle do comportamento (BIASOLI-ALVES, 1997.)

Virgínia também aponta que o foco das clínicas de orientação infantil (como a que ela mesma trabalhava) na criança devia-se a intenção de trabalhar os problemas psíquicos logo no início, para evitar o desajustamento futuro do adulto. Como as bases da personalidade são formadas na infância, o intuito das clínicas (e conseqüentemente da perspectiva higienista) era contribuir para que a criança consiga lidar com seus sentimentos e conflito, cercanda-a de condições favoráveis ao seu desenvolvimento<sup>13</sup>, atuando na prevenção dos distúrbios psíquicos e desajustamentos sociais. Isso era algo primordial para as ideias higienistas que tinham como objetivo transformar costumes e comportamentos numa intenção purificadora dos corpos e de prevenção da doença (ALMEIDA, 2017).

Quanto ao desenvolvimento infantil, Bicudo aborda desde o nascimento até a idade adulta, explicando sobre os instintos fundamentais (que são inatos) e os sentimentos de expressão de amor e agressividade. Para ela é importante que os pais conheçam as necessidades físicas, psíquicas e sociais da criança em cada fase, pois isso os ajuda a tomar melhores decisões

---

<sup>11</sup> BICUDO, Virgínia. Considerações sobre o aparelho psíquico, segundo a psicanálise. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 18 de julho de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29892&anchor=4604190&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=6cc193d9fd11e019cdeabf0d6f5a7793>

<sup>12</sup> Ibidem, 1954.

<sup>13</sup> Ibidem, 1954.

sobre a educação dos filhos e ter uma postura adequada em relação a eles<sup>14</sup>. A criança nasce amoral e tem instintos que muitas vezes podem ser contrários à moral vigente, por isso os pais não devem interpretar as ações infantis como se elas tivessem a mesma maturidade que é esperada de um adulto e nem reagir com agressividade aos comportamentos infantis, pois isso não contribui para o bom desenvolvimento infantil<sup>15</sup>. Entre os 4 e 6 anos a criança tem uma curiosidade aguçada e quer saber e ver tudo, principalmente sobre de onde vem os bebês, as diferenças nos corpos dos homens e das mulheres e assuntos relacionados à sexualidade. É a partir dessa curiosidade que a criança tenta participar do mundo dos adultos e podar esse comportamento interpretando-o como malícia pode trazer consequências para a vida da criança e de seu futuro como adulto, acarretando perversões sexuais ou dificuldades na vida matrimonial e na sexualidade<sup>16</sup>. A curiosidade infantil deve ser levada em consideração e as perguntas das crianças precisam ser respondidas, dentro do que elas conseguem compreender, sem julgá-las ou inventar explicações fantasiosas (como a história de que os bebês vêm das cegonhas). Dessa forma, Bicudo ressalta que é importante que os pais percebam os preconceitos que carregam em si mesmos vindos do que aprenderam na infância para não repassar isso aos filhos criando um ciclo vicioso<sup>17</sup>.

A respeito dos instintos fundamentais, Bicudo os define como uma “energia que atua no limite entre o físico e o psíquico” que está em movimento, produzindo uma tensão até serem descarregados através de uma ação<sup>18</sup>. Exemplos desses instintos são a fome, o frio, a vontade

---

<sup>14</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais dos 4 anos à vida adulta. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 15 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29922&anchor=4608027&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=5067a6ba33a23f0da8210c665ffcf347>

<sup>15</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais desde o nascimento até os dois anos de idade. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 25 de julho de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29904&anchor=4604539&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=cb867031b0f4b65805a7c99ecd86e768>

<sup>16</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais dos dois anos e meio aos quatro anos de idade. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 01 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29910&anchor=4606588&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=5ff4e000ba617d6f05531a3c178aa4b2>

<sup>17</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais dos 4 anos à vida adulta. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 22 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29928&anchor=4608726&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=192a00e46540700691ea51c0b28c6c0e>

<sup>18</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais desde o nascimento até os dois anos de idade. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 25 de julho de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29904&anchor=4604539&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=cb867031b0f4b65805a7c99ecd86e768>

de urinar, a agressividade, o amor etc. Para a psicanálise existem duas categorias de instintos: aqueles cujo objeto de satisfação não pode ser mudado, como no caso da fome, e aqueles em que o objeto de satisfação pode ser deslocado para objetos substitutos, como no caso da libido e da agressividade. Nos primeiros anos da infância, a criança tem comportamentos egoístas e direciona quase toda sua afetividade e libido para si mesma, às vezes se expressando com hostilidade em relação a outras pessoas. À medida que vai crescendo, a criança precisa aprender a direcionar sua afetividade para o próximo, com a ajuda dos pais, exercendo o altruísmo e prestando atenção aos outros que estão à sua volta. Muitas vezes a criança apresenta atitudes ambivalentes, como chorar querendo um brinquedo e quando o recebe joga-o longe. Isso ocorre porque ela ainda não tem a capacidade de síntese do ego de uma pessoa adulta psiquicamente saudável, que consegue compreender os sentimentos contraditórios dentro de si e escolher uma única ação em relação a um determinado objeto ou situação<sup>19</sup>.

Entre os 4 e 5 anos, a criança passa por um processo de ambivalência afetiva que se manifesta através da rivalidade com um dos pais, o chamado complexo de Édipo, que precisa ser superado. Virgínia explica que a dinâmica edípica se dá com a criança enxergando um dos responsáveis como rival e competidor pelo amor do outro responsável, para o qual ela direciona seu amor. No caso dos meninos, vão rivalizar com o pai e amar a mãe e no caso das meninas o contrário. É nesse período que a criança precisa aprender a lidar com os sentimentos de amor, ódio, ciúme e culpa, já que ela deseja que um dos genitores desapareça e que o outro fique só para ela. Essa configuração só é superada quando o menino passa a ter o pai como modelo ou a menina veja a mãe como tal, e assim possa dirigir afeto e ternura para ambos os pais. Nesse contexto é importante que os pais não alimentem os sentimentos de rivalidade da criança, sendo agressivos ou severos demais com o(a) filho(a) que está direcionando agressividade a eles ou exercendo um favoritismo em relação à criança que está lhes dirigindo amor<sup>20</sup>.

Sobre a adolescência Virgínia aponta que os pais precisam se preparar para lidar com as atitudes “atrevidas” dos filhos sem se ofenderem ou interpretarem esses comportamentos necessariamente como desprezo por parte do adolescente, pois isso poderia causar um conflito

---

<sup>19</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais dos dois anos e meio aos quatro anos de idade. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 01 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29910&anchor=4606588&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=5ff4e000ba617d6f05531a3c178aa4b2>

<sup>20</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais dos 4 anos à vida adulta. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 15 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29922&anchor=4608027&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=5067a6ba33a23f0da8210c665ffcf347>

maior do que o existente. É preciso um equilíbrio entre a severidade extrema e a permissividade excessiva, conversando sobre assuntos necessários, especialmente a sexualidade, de cujo entendimento a criança e o adolescente não devem ser privados para que não desenvolvam distúrbios relacionados a isso (como perversões e frigidez). Nessa fase do desenvolvimento, é normal os filhos se distanciarem um pouco dos pais, dependendo cada vez menos deles e aos poucos irem se capacitando para a vida adulta, alcançando emancipação financeira, física, afetiva e social<sup>21</sup>.

A respeito dos papéis de gênero e da relação entre homens e mulheres, Bicudo escreveu duas colunas intituladas “A rivalidade entre os sexos”<sup>22</sup>. Segundo ela, “o ajustamento conflitado entre o homem e a mulher é uma das consequências da imaturidade emocional e sexual nos adultos”, já que ao invés de existir uma cooperação entre os sexos na vida social, há uma rivalidade que atinge as relações humanas<sup>23</sup>. Esse problema de desajustamento entre os sexos demonstra preconceitos vindos de inseguranças de ambas as partes a respeito de sua própria masculinidade e feminilidade. Desde a infância é perceptível o quanto o sexo feminino é menosprezado e o masculino prestigiado, de maneira que algumas famílias se alegram mais com a notícia da vinda de um bebê do sexo masculino. A menina que cresce à sombra de um desejo frustrado de não ter sido um menino pode fazer com que ela cresça com o desejo de ser um menino para conquistar o amor dos pais ou que tenha uma grande rivalidade com os irmãos por perceber uma diferença de tratamento<sup>24</sup>.

Bicudo explica que a unidade familiar está pautada na unidade de interesses e objetivos da mãe e do pai, que precisam ter os mesmos interesses afetivos, os mesmos objetivos sobre a economia do lar e da educação dos filhos. Para concretizar essa unidade é necessário que haja uma divisão de trabalho entre o homem e a mulher, através de uma cooperação, sem que o trabalho de um seja superior ou inferior ao do outro. O trabalho doméstico, responsabilidade

---

<sup>21</sup> BICUDO, Virgínia. As qualidades dos instintos fundamentais dos 4 anos à vida adulta. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 22 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29928&anchor=4608726&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=192a00e46540700691ea51c0b28c6c0e>

<sup>22</sup> BICUDO, Virgínia. A rivalidade entre os sexos. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 29 de agosto de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29934&anchor=4609433&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=b5ab6b6c77d4a132cfc15891b0ce20a>; BICUDO, Virgínia. A rivalidade entre os sexos - II. Coluna Nosso Mundo Mental. Folha da Manhã, Seção Vida Social e Doméstica, 05 de setembro de 1954. Acervo Digital - Folha de São Paulo. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=29940&anchor=4611781&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=b3ae91f3ed056c760d8b6261bac1bade>

<sup>23</sup> *Ibidem*, 1954.

<sup>24</sup> *Ibidem*, 1954.

da mulher, muitas vezes é menosprezado e considerado inferior, mesmo quando essa mulher também trabalha fora de casa, nesses casos gerando uma sobrecarga. Isso não seria adequado, segundo Bicudo, já que menosprezar o trabalho da mulher no lar poderia fazer com que ela o abandonasse e transforma-se sua conduta de maneira imoral, incluindo a sexual, pensando se igualar ao homem<sup>25</sup>.

Já o homem tem seu trabalho exaltado e valorizado socialmente, além de possuir certas permissões na vida sexual que as mulheres não têm, o que contribui para o desajustamento e a rivalidade entre os sexos. Juridicamente a mulher não é emancipada, o que promove uma dominação imoral do homem sobre ela. Quando se trata de empregos, é frequente a opinião de que as mulheres deveriam ganhar menos por não terem as mesmas responsabilidades que os homens, porém para Virgínia isso é apenas mais um sinal do menosprezo pelo trabalho feminino no lar. Para ela, a entrada das mulheres no mercado de trabalho é uma consequência de necessidades econômicas vindas com a industrialização e de mudanças sociais, que não exclui a necessidade da presença das mulheres na educação dos filhos, mas não significa que o trabalho fora de casa seja uma libertinagem ou que vá deixá-la menos feminina<sup>26</sup>. Virgínia enxerga como algo positivo a presença da mulher no mercado de trabalho.

O importante para Bicudo nessa dinâmica entre os sexos é que o homem e a mulher estejam ajustados à condição de seus respectivos sexos sem que isso signifique uma competição ou que provoque comportamentos hostis por parte de ambos. É necessário que as crianças aprendam desde cedo que a diferença entre os sexos não configura superioridade ou inferioridade, já que a persistência desses problemas de rivalidade na vida adulta pode provocar dificuldades na vida sexual e matrimonial, como a impotência, a frigidez e até a homossexualidade<sup>27</sup>. Dessa maneira, o discurso de Virgínia a respeito de gênero, família e dos papéis sociais de gênero estava em conformidade com as perspectivas hegemônicas do período em que ela escreveu as colunas, visto que o casamento era baseado na união heterossexual, em que a responsabilidade do trabalho doméstico e das práticas de educação eram da mulher. Porém, em suas colunas ela procura demonstrar que as atitudes de ambos os genitores impactam a criança em todo o seu desenvolvimento, sendo necessário afetividade tanto da mãe quanto do pai. Além disso, ela procura mostrar para os pais que a criança nasce amoral e sem uma personalidade pronta, de forma que sua personalidade é construída a partir das

---

<sup>25</sup> *Ibidem*, 1954.

<sup>26</sup> *Ibidem*, 1954.

<sup>27</sup> *Ibidem*, 1954.

experiências que ela tem no ambiente em que vive, por isso as atitudes infantis não devem ser interpretadas com o significado que as ações de um adulto têm.

Em suas colunas, Bicudo não aborda sobre questões raciais, trabalhando os comportamentos e experiências familiares e infantis de maneira generalista, apontando apenas as diferenças relacionadas ao gênero. Sobre a repercussão das colunas, não foi possível encontrar até este momento algum documento que denote a recepção e opinião dos leitores do jornal a respeito do conteúdo das colunas ou sobre o fato de ser uma mulher negra e psicanalista abordando temas relacionados à educação das crianças pelas famílias. O fato é que o trabalho de divulgação da psicanálise feito por Virgínia nos meios de comunicação do rádio e do jornal contribuiu para disseminar os conhecimentos sobre a infância produzidos pela psicanálise e pela psicanálise brasileira.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Virgínia Leone Bicudo foi uma das protagonistas da psicanálise brasileira no século XX, como a primeira psicanalista brasileira, sendo mulher negra num campo majoritariamente branco e não-médica num contexto de constantes ataques às práticas psicanalíticas pela medicina. Seu trabalho se estende às áreas da sociologia, em que realizou trabalhos pioneiros relacionados à pesquisa acadêmica sobre o racismo no Brasil, e da educação, trabalhando como educadora sanitária e visitadora psiquiátrica sob orientação higienista. Depois de décadas de esquecimento por parte da sociologia, seu trabalho vem sendo recuperado e valorizado nos últimos anos. Na psicanálise, com vasto esforço pela divulgação, difusão, institucionalização e formação de novos profissionais da área, as contribuições de Bicudo vem sendo cada vez mais ressaltadas na última década. Alcançando proporções maiores, sua importância e contribuição para a psicanálise brasileira foi representada recentemente no filme “Virgínia e Adelaide” (2025), que mostra sua amizade e atuação na psicanálise em conjunto com Adelheid Koch.

Com foco em seu trabalho na divulgação da psicanálise através das colunas de jornal na Folha da Manhã em 1954, neste trabalho foi possível compreender que os textos de Virgínia em “Nosso Mundo Mental” estavam alinhados à perspectiva higienista de prevenção em saúde mental e ao ideal de família da década de 1950. Dessa maneira, as colunas e o livro de Bicudo foram escritos com o intuito de auxiliar os pais nas práticas de educação infantil e na compreensão dos comportamentos e do desenvolvimento infantil para que pudessem agir de forma que contribuísse para o crescimento físico e psíquico saudável da criança. Virgínia entendia que dessa maneira os pais aprenderiam que as atitudes infantis são fruto de instintos naturais e que, como a criança nasce amoral, é através do contato com o ambiente que a criança

apreende a moral e adquire maturidade. Porém, para isso a criança precisa da afetividade dos pais e de sua compreensão a respeito do nível em que a criança se encontra, sem interpretar seus comportamentos agressivos como malícia ou agir com severidade extrema. Dessa maneira seria possível evitar distúrbios psíquicos e garantir o crescimento de adultos sadios, que exercem suas funções na sociedade e são capazes formar uma família.

A respeito da família, Virgínia mantinha a concepção hegemônica de família do período, formada por um casal heterossexual, em que houvesse a divisão de trabalho na qual a mulher seria responsável pelo trabalho doméstico. Quanto à presença das mulheres no mercado de trabalho, Bicudo era favorável, dizendo que as pessoas não deveriam confundir isso com libertinagem por parte da mulher e nem deveria ser motivo de vergonha por parte do marido. De maneira geral, a dinâmica das diferenças sexuais não deveria ser vista como pretexto para usar a significação de superioridade ou inferioridade, já que isso apenas criava uma rivalidade desnecessária entre os sexos, atrapalhando a cooperação social que precisa vir do trabalho de ambos. Mas é importante ressaltar que ao falar de psicanálise para um público amplo, de aspectos como a formação da sexualidade de um indivíduo e colocando a responsabilidade do bem-estar psíquico infantil em ambos os genitores, Virgínia estava expressando perspectivas que contrariavam a visão hegemônica da década de 1950 a respeito da infância e da família, executando algo pioneiro e audacioso.

Enfim, muito ainda pode ser explorado sobre a vida e o trabalho de Virgínia Bicudo, seja na psicanálise, em seus textos acadêmicos ou de divulgação, ou na sociologia, visto que Virgínia foi pioneira em muitos aspectos, por isso suas contribuições não podem ser esquecidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. **Virgínia Leone Bicudo: pioneira da psicologia e da psicanálise no Brasil**. Interação em Psicologia, [S.L.], v. 18, n. 2, p. 217-227, 31 ago. 2014. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v18i2.30759>. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/30759>. Acesso em: 15 abr. 2024.

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **Virgínia Leone Bicudo: construindo e difundindo a psicanálise no Brasil**. Rev. bras. psicanál., São Paulo, v. 54, n. 4, p. 230-249, dez. 2020. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2020000400017&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2020000400017&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 06 maio 2024.

BIASOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. **Famílias brasileiras do século XX: os valores e as práticas de educação da criança**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 5, n. 3, p. 33-49, dez. 1997. Disponível em: [https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413389X1997000300005&lng=pt&nrm=i&tlng=pt](https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413389X1997000300005&lng=pt&nrm=i&tlng=pt). Acesso em: 15 maio 2025.

BICUDO, Virgínia Leone. **Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo**. Arquivos de Neuro-Psiquiatria, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 69-72, mar. 1948. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0004-282x1948000100006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/anp/a/qMqsTBSfLy4g87KPWsMzmMz/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica**. In: FIGUEIREDO, Janaina P. Amado Baptista de; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Fgv, 2006. p. 183-191.

CASTRO, Rafael Dias de. **História da Historiografia da Psicanálise do Brasil: A recepção da teoria Freudiana no início do século XX**. XXI Encontro Regional de História, Montes Claros, ago. 2018. Disponível em: [https://www.encontro2018.mg.anpuh.org/resources/anais/8/1533669995\\_ARQUIVO\\_AnpuhtextoRafael2018.pdf](https://www.encontro2018.mg.anpuh.org/resources/anais/8/1533669995_ARQUIVO_AnpuhtextoRafael2018.pdf). Acesso em: 20 de janeiro de 2025.

FACCHINETTI, Cristiana; PONTE, Carlos Fidelis da. **De barulhos e silêncios: contribuições para a história da psicanálise no Brasil**. Psyquê, São Paulo, ano 7, n. 11, p. 59 - 83, jun. 2003. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/26020>. Acesso em: 15 abr. 2024.

FRAUSINO, C. C. M. **Virgínia Leone Bicudo: um capítulo da história da psicanálise brasileira**. Federação Psicanalítica da América Latina. [S.l.] 2020. Disponível em: <http://www.fepal.org/virginia-leone-bicudo-e-marie-langer-mulheres-que-fizeramhistoria/>. Acesso em: 15 mai. 2020.

GAGEIRO, A. M.; TOROSSIAN, S. D. **A História da Psicanálise em Porto Alegre**. Analytica: Revista de Psicanálise, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 117–144, 2014. Disponível em: <https://seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/627>. Acesso em: 06 mai. 2025.

GOMES, Janaina Damasceno. **Os Segredos de Virgínia: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955)**. 2013. 166 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Cap. 2. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032014-103244/pt-br.php>. Acesso em: 20 maio 2025.

LINDDINGTON, Jill. **O que é História Pública?: os públicos e seus passados**. In: ALMEIDA, Juniele Rabêlo de; ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira (org.). Introdução a história pública. São Paulo: Letra e Voz, 2011. p. 31-52.

MAIO, Marcos Chor. **Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo**. Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 35, p. 309–355, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644974>. Acesso em: 28 jun. 2025.

MARTINI, Silvia Rosana Modena. **O IBOPE, a opinião pública e o senso comum dos anos 1950: hábitos, preferências, comportamentos e valores dos moradores dos grandes centros urbanos brasileiros (Rio de Janeiro e São Paulo)**. 2011. 169 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/789691>. Acesso em: 1 jun. 2025.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira. **História da ciência: objetos, métodos e problemas.** Ciência educ., Bauru, v. 11, n. 02, p. 305-317, ago. 2005. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S151673132005000200011&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151673132005000200011&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 mar. 2025.

MAUTNER, Anna Veronica. **"Fui buscar defesas para o íntimo"**. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0610200018.htm>. Acesso em: 10 maio 2025.

MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. Uma nova visão empresarial (1945 a 1962). In: MOTA, Carlos Guilherme; CAPELATO, Maria Helena. História da Folha de São Paulo (1921-1981). São Paulo: Impres, 1981. p. 99-119; 144-159.

OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares de. **A historiografia sobre o movimento psicanalítico no Brasil.** Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental, [S.L.], v. 5, n. 3, p. 144-153, set. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1415-47142002003012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/phFYykftT4nNjPCvj49WQJJF/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2024.

OLIVEIRA, C. L. M. V. de. **Trajatórias da psicanálise paulista.** Analytica: Revista de Psicanálise, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 59–87, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufsj.edu.br/analytica/article/view/625>. Acesso em: 06 mar. 2025.

SILVA, Nádia Maria Cardoso da. **Virginia Leone Bicudo e Guerreiros Ramos – para uma epistemologia decolonial da perspectiva negro-brasileira nas Américas.** Ideas, [S.L.], v. -, n. 16, p. 1-20, 1 out. 2020. Open Edition. <http://dx.doi.org/10.4000/ideas.9758>. Acesso em: 10 jun. 2025.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. **Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira.** J. psicanal., São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, jun. 2011. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010358352011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010358352011000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 06 maio 2024.

## APÊNDICE - Texto de divulgação científica

### Virgínia Bicudo na história da psicanálise brasileira

O período da chegada das ideias de Freud no Brasil, no início do século XX, foi caracterizado pela presença de debates relacionados à modernidade e a identidade nacional, por campanhas sanitárias realizadas pelo governo e por teorias eugenistas, que pregavam o “aprimoramento da raça” e o embranquecimento da população. Isso no mesmo período em que o Brasil estimulava a vinda de imigrantes europeus para integrar a força de trabalho brasileira, em detrimento da população negra ex-escravizada. As campanhas sanitárias representavam a posição de autoridade em que a medicina se encontrava e eram compostas por ideias higienistas em que o significado de higiene se torna algo relacionado aos costumes e ao caráter do

indivíduo. Dessa forma, a limpeza se estendia para além do corpo físico, sendo a falta de higiene associada especialmente a comportamentos, costumes e moradias dos cidadãos negros e pobres.

Assim, a perspectiva higienista passa a abarcar também os problemas de saúde mental dando destaque para a psiquiatria enquanto saber capaz de atuar nesses problemas, especialmente na prevenção deles. É nesse espaço que a psicanálise começa seu caminho no Brasil, tomando diferentes rumos a depender da localização geográfica. No caso da cidade do Rio de Janeiro, a psicanálise se desenvolveu dentro da psiquiatria. Já em São Paulo, houve grande resistência por parte da medicina, fazendo com que a psicanálise crescesse de maneira paralela aos hospitais psiquiátricos. E, finalmente, em Porto Alegre as ideias de Freud percorreram tanto o caminho da psiquiatria quanto o da literatura.

Mais especificamente sobre o cenário da psicanálise em São Paulo, a trajetória das ideias de Freud começa no início da década de 1920 com os esforços de Franco da Rocha, um médico do Hospital Psiquiátrico do Juqueri, que fazia referências à psicanálise em suas aulas na Faculdade de Medicina de São Paulo. Porém, apesar disso, a teoria psicanalítica não foi bem recebida pelos médicos e psiquiatras da cidade, que criticavam Franco da Rocha e as ideias freudianas.

Na mesma década, Durval Marcondes, ex-aluno de Franco da Rocha, se esforçou para divulgar a psicanálise entre seus colegas de profissão e como não conseguiu resultados, se aproximou de modernistas e outros pensadores no intuito de fundar um grupo para estudar e difundir as ideias freudianas no Brasil. Os integrantes tinham como objetivo apenas promover as ideias de Freud no Brasil e não tinham a intenção de formar analistas. Além disso, Marcondes procurou se aproximar de educadores com a intenção de incorporar a psicanálise e a tese da sexualidade infantil nas práticas educativas, mas apesar de ter obtido apoio inicialmente, o aumento do conservadorismo e novo governo autoritário da década de 1930 fizeram com que o discurso psicanalítico tivesse que mudar seu enfoque para os “desvios comportamentais” da “criança-problema”.

Essa mudança de perspectiva desagradou os modernistas que eram contrários às ideias do higienismo e não tinham a intenção de se tornarem psicanalistas de fato. Isso fez com que Durval Marcondes se afastasse dos modernistas e buscasse cada vez mais a institucionalização do movimento psicanalítico, pois ele achava que era necessário começar a formação de profissionais da área no Brasil. Com isso, ele começa a buscar psicanalistas que se interessem em vir para o Brasil, com a ajuda da Associação Internacional de Psicanálise (IPA), para serem didatas e auxiliar na formação de novos psicanalistas. Em 1937, Durval Marcondes consegue

com a ajuda de Ernest Jones, presidente da IPA, trazer para o Brasil a psicanalista judia e alemã Adelheid Koch. Já no ano seguinte ela e Marcondes começam a construir um grupo de interessados em se formar psicanalistas. Assim, a doutora Koch começa a dar aulas e seminários teóricos, realizando as análises didáticas dos estudantes e supervisionando os atendimentos que eles desempenhavam.

Dentro desse grupo de alunos estava Virgínia Leone Bicudo, uma mulher negra, que estava finalizando o curso de Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e trabalhava como educadora sanitária e visitadora psiquiátrica na Seção de Higiene Mental Escolar da Prefeitura de São Paulo. Nascida em 1910, na cidade de São Paulo, seu pai era um homem negro e sua mãe uma mulher branca, imigrante italiana. Eles se conheceram numa fazenda em Campinas e na juventude se mudaram para São Paulo, pois o pai de Virgínia desejava estudar medicina, porém sua entrada no curso foi negada por ele ser negro. Ele se tornou funcionário dos Correios e Telégrafos e dava aulas particulares para vestibulandos.

Em sua trajetória profissional, as escolhas de Bicudo, especialmente em relação à sociologia e à psicanálise, são pautadas por suas experiências de vida atravessadas pelo racismo. Após concluir a Escola Normal em 1930, ela realiza o Curso de Educadores Sanitários da Escola de Higiene e Saúde Pública, sendo nomeada educadora sanitária em 1932 e visitadora psiquiátrica em 1938. Paralelamente a isso, a partir de sua experiência de vida marcada pelo racismo, Virgínia busca na sociologia um meio para compreender esse fenômeno e entra no Curso de Ciências Sociais, se formando numa turma em que era a única mulher. Como visitadora psiquiátrica, ela passa a trabalhar na Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental Escolar, coordenada por Durval Marcondes, uma instituição que atuava na prevenção e no tratamento de problemas psíquicos de crianças das escolas paulistanas. Virgínia atuava no diagnóstico e orientação de pais e professores. Havia três bases para a filosofia da clínica: a higiene mental, a “Escola Nova” e a psicanálise.

Nessa época, Virgínia entra em contato com Durval Marcondes manifestando seu desejo em se aprofundar nos estudos sobre psicanálise, e começa a fazer terapia com a doutora Koch e a frequentar as aulas dadas pelo grupo de Marcondes, tornando-se a primeira psicanalista brasileira. É a partir de sua experiência com o tratamento psicanalítico, que a ajudou a lidar com os próprios traumas, que ela decide trabalhar pela difusão da psicanálise para que mais pessoas possam ter acesso a esse conhecimento e tratamento. Diferentemente de seus colegas de estudo, Virgínia não tinha muitos recursos financeiros, se sustentava com o salário de educadora sanitária e professora na faculdade em que estudou.

Ao mesmo tempo em que se formava enquanto psicanalista na década de 1940, Virgínia Bicudo começou um mestrado em Ciências Sociais, na Escola Livre de Sociologia e Política, e publicou sua dissertação em 1945, chamada “Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”, cujo objetivo era investigar a relação entre as atitudes de pretos e mulatos com as condições sociais vivenciadas por eles. Seu trabalho foi pioneiro, pois foi a primeira dissertação sobre a questão racial defendida em uma universidade brasileira. A conclusão de sua pesquisa demonstrou a prevalência do preconceito de cor sobre o de classe, algo que ia numa direção completamente oposta aos estudos anteriores sobre relações étnico-raciais no Brasil, antecipando perspectivas que viriam na década de 1950. Sua dissertação a levou a participar da pesquisa publicada em 1955, patrocinada pela Unesco, a respeito das relações raciais no Brasil. Porém, numa segunda edição do livro publicado, o texto de Virgínia sobre as atitudes de rejeição de alunos brancos em relação aos colegas não-brancos, foi retirado da publicação sem nenhuma explicação.

Ainda na década de 1950, Virgínia atuou na prevenção da saúde mental, através da divulgação de princípios relativos à educação infantil formulados pela teoria psicanalítica. Nesse aspecto se enquadram o programa na Rádio Excelsior (1950), a coluna na Folha de São Paulo (1954) e um livro publicado (1956), todos com o mesmo título de “Nosso Mundo Mental”. Nesses trabalhos ela apresentou explicações sobre o funcionamento do aparelho psíquico e o desenvolvimento infantil, intercalados com diálogos exemplificando situações, para que os pais pudessem compreender melhor os comportamentos infantis e pudessem tomar atitudes adequadas a respeito. Bicudo explicitou que as atitudes de ambos os genitores tinham impactos significativos na vida da criança até a idade adulta, podendo causar distúrbios psíquicos. Ao apontar que a criança nasce amorosa e aprende a lidar com os instintos através das experiências que vive no ambiente, Virgínia coloca a afetividade e o equilíbrio da severidade por parte dos pais como essenciais para o bom desenvolvimento infantil. Dessa forma, a curiosidade infantil, muito interpretada como malícia, não deveria ser vista como tal, mas sim ser sanada, especialmente a respeito de assuntos relacionados à sexualidade para evitar possíveis distúrbios psíquicos, como perversões sexuais, frigidez e homossexualidade.

Em meados da década de 1950, após acusações de charlatanismo em um congresso sobre saúde mental (episódio que a impactou fortemente), ela foi para Londres buscar aperfeiçoamento profissional, se sustentando inicialmente com suas próprias economias e só depois conseguindo uma bolsa no consulado brasileiro. Lá ela estudou no Instituto de Psicanálise de Londres e na Clínica Tavistock, entrando em contato com estudiosos da teoria kleiniana e com a própria Melanie Klein, que tratava das questões da infância na psicanálise.

Ao regressar ao Brasil em 1959, Virgínia assume posições de liderança na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, que ela própria ajudou a fundar nos anos 1940, e é nos anos 1960 que ela dá início uma nova fase em sua carreira na psicanálise: a formação de novos psicanalistas, criando o Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Ela passou a ser requisitada por psicanalistas e interessados em outras regiões do país devido à sua experiência e conhecimento da teoria kleiniana. Além disso, começou a participar de iniciativas editoriais, participando da criação e da publicação da Revista Brasileira de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Na década de 1970 ela participa da fundação da Sociedade de Psicanálise de Brasília, respondendo à demanda crescente de pacientes em busca de tratamento psicanalítico no país e o aumento do interesse de profissionais querendo se tornar analistas. Ela passa as próximas 2 décadas auxiliando o grupo em Brasília e atendendo seus próprios pacientes e em 1990, regressa definitivamente a São Paulo. De 1993 a 2000, Bicudo se dedica apenas aos atendimentos de pacientes, até que para de trabalhar devido a problemas de saúde e vem a falecer em 2003. Tanto na sociologia quanto na psicanálise a atuação de Virgínia foi pioneira e, no caso da psicanálise, de extrema importância para o estabelecimento desse campo de conhecimento no Brasil.